

## Uma minoria oprimida<sup>1</sup>

*Marie-Hélène Brousse*

Pertenço a uma minoria oprimida. Perseguida durante séculos, até hoje não deixou de sê-lo. Quando não é oprimida legalmente, é regularmente objeto de calúnias e de suspeitas. Em todos os lugares onde não é proibida legalmente, lhe é pedido calar-se, não ferir a sensibilidade da maioria. Como todas as minorias oprimidas, quando ela chegou ao poder, após anos de opressão, por meio de lutas sanguinárias ou por ocasião de uma série de circunstâncias permitidas pelo mal-entendido, essa minoria entregou-se a abusos, e mesmo a diversos e variados crimes.

Desde os anos 1970, nos países ocidentais - por exemplo, nos Estados Unidos, na Espanha e inclusive na França - a situação dessa minoria não parou de se agravar. O dia 7 de janeiro de 2015, quarta-feira, foi para ela trágico. Mas desde então, mesmo se por decência e por interesses compartilhados, uma solidariedade sem precedentes manifestou-se, vozes se fizeram ouvir, numerosas, tornando-a responsável pelo massacre que ela sofreu.

### **Ontem: Libertinagem, Luzes, Laicidade**

Essa minoria à qual pertenço tem suas origens na França do século XVI. Por longo tempo o movimento precisou permanecer clandestino. Repetidas vezes, teve que voltar a sê-lo. Cortesãos, eruditos e frequentemente homens da igreja se diziam "menos tolos" (*deniaisés*) ou "iluminados", o que significa "esclarecidos" pela luz da razão, e se dedicavam ao estudo das religiões comparadas. Foi o início do pensamento crítico. Eles não eram inimigos de um poder

político forte, mas consideravam as confissões religiosas meios de impostura política.

Infância da filosofia das Luzes, a libertinagem inventou o ateísmo. Posteriormente, a luta tornou-se, na França, uma luta pelo poder político. A separação da Igreja e do Estado, em 1905, impôs o princípio de laicidade como solução para o conflito. É precisamente esta solução que hoje se estilhaça.

**Não é mais "o futuro de uma ilusão, é o triunfo do "todo mundo delira"**

Vocês devem ter compreendido que a minoria oprimida à qual pertencemos é aquela dos deístas, agnósticos, livres pensadores e outros ateus.

Nos anos 1970, Lacan pode predizer de modo profético e preciso as novas formas de um renascimento do religioso que se anunciava<sup>2</sup>. O avanço do saber científico, cujo surgimento no século XVI havia dado origem a essa corrente libertina da qual acabo de falar, longe de tornar as religiões obsoletas, acabou tornando-as ainda mais combativas. Ele sustentava, ao contrário da corrente positivista que transformava a ciência em uma nova religião, a complementaridade entre a ciência e a religião no discurso do mestre moderno. Não mais que a religião, a ciência não conduzirá a humanidade ao progresso. Ao contrário, ela a conduz a passos largos ao real fora de sentido.

Ora, o *falasser* (*parlêtre*) é adito ao sentido, especialmente ao *sentido da vida* - para fazer referência aos *Monty Python*; aliás, eles se safaram por pouco! A ciência se ocupa do real e a religião do sentido, cada uma em seu campo. Atualmente, as religiões "pululam" e retomam sua vocação primeira que é política, reinar por meio do terror objetivo e subjetivo. O *Kalachnikov* e o *homem-bomba*, lado real; o inferno e o paraíso, ou seja, a eternidade,

lado imaginário, e Nome de Deus, significante mestre, lado simbólico.

### **Uma epidemia de autoproclamações**

Os três grandes monoteísmos vão assim de vento em popa, cada um estende suas áreas de influência, cada um transborda em uma versão fundamentalista, ou seja, policialesca (*policière*). A margem de liberdade obtida pelo ateísmo, sempre imperfeita em um *fallasser* levado naturalmente a "inumeráveis ficções e à interpretação da Natureza em termos extravagantes, como se ela delirasse com eles"<sup>3</sup>, reduz-se progressivamente.

Yitzhak Rabin foi assassinado por fundamentalistas judeus.

Em novembro de 2011, os fundamentalistas católicos, tanto na França como na Itália, se mobilizaram contra o espetáculo de Romeo Castellucci, *Sur le concept du visage du fils de Dieu* (Sobre o conceito do rosto do filho de Deus), considerando blasfematória a representação do rosto do Cristo de Antonello da Messina em uma cena. As religiões monoteístas nunca gostaram do teatro, salvo os Jesuítas.

O Islam fundamentalista colocou a *fatwa on-line*. Artistas, jornalistas, mulheres, militantes de associações humanitárias são condenados, em nome de Deus, à morte ou a um resgate.

### **Autoqualificação, autoproclamação, autoreferência**

A arma absoluta é um significante: "blasfêmia", pertinente apenas para quem se situa em uma religião. "Blasfemador" funciona como o termo "negro" aplicado aos africanos. Ele apenas conota aquele que o emprega. Não há blasfemador sem crente, assim como não há "negro" senão para o branco que assim o nomeia. Autoreferência, portanto. A autoqualificação "vingador", "verdadeiro crente", é o elemento dominante da religião de tendência fundamentalista

nos tempos da ciência, ou seja, na época da fragmentação do Nome-do-Pai. Autoqualificação, autoprocamação e autonominação são o signo da perda de poder dos conjuntos ordenados segundo uma unidade que se apoia em um poder temporal pelo qual, segundo modalidades diversas, os grandes monoteísmos lutaram eficazmente contra as heresias. Graças ao múltiplo, a heresia convidou-se ao panteão dos grandes (*la cour des grands*).

### **Para achar não é necessário procurar**

Numerosas vezes, entre aquelas de pessoas que condenavam o atentado, acrescentam uma pequena frase: "Eles bem que procuraram isto, esses provocadores". E associando o princípio da prudência à justiça distributiva, eles equiparam o assassino e a vítima. Seria então condenável todo enunciado ou representação capaz de provocar os crentes, de ferir sua sensibilidade, de debochar de seus símbolos, em suma, de transformá-los em sintoma. Certamente essa generosidade na condenação mal pode se aplicar aos clientes do supermercado *kosher*, mas ali "caímos no problema Israel/Palestina", acrescentam os mesmos. Essa pequena frase é fundamentalmente colaboracionista.

Uma jovem analisante, professora de língua num colégio do subúrbio parisiense, apreciada e que aprecia seus alunos e sua matéria, comentava que, quando um de seus alunos num bacharelato científico falava, a respeito de um texto, do "mito de Adão e Eva", outro aluno, levando o dedo, lhe disse: "A senhora está no mau caminho", e "Não leve a mal, senhora, mas a religião mostra claramente que as mulheres são inferiores aos homens". Será que dirão, como a respeito dos caricaturistas de Charlie Hebdo: "Ela bem que procurou isto"? E os passageiros mortos nos trens que os conduziam de seus subúrbios a Madri, ou a Londres, "procuraram" a morte? Sem dúvida, eles deveriam ter ficado escondidos em suas casas. É como se esta determinação guerreira pudesse

ser desativada por um "não dizer, não ver, não mover-se, não saber". Não saber, por exemplo, aonde os trens levavam as caravanas de judeus durante a última guerra mundial.

Sobretudo não chocar, não despertar nem se despertar. Não despertar os adeptos da crença religiosa de seu sonho absoluto.

### **Uma definição lacaniana do ateísmo?**

Contudo, o que poderíamos achar sem procurar ao renunciar à liberdade de saber, de dizer que não cremos em Deus, que não somos monoteístas, que não se jura sobre Bíblia senão para mentir tranquilamente, que tudo isso, para retomar Spinoza, são ficções e delírios? Um psicanalista lacaniano conhece a origem, a função e a potência das ficções de delírios: o gozo do sentido. Também sabe que, seguindo esse caminho, encontra-se inevitavelmente a pulsão de morte. O que é mais violento, segundo a escolha proposta por um grande jornal americano: o desenho de Maomé, Pai que se queixa de seus fiéis, ou o vídeo que mostra como se acaba com uma bala na cabeça - como em um videogame, um homem caído? O assassinato ou o riso? - isto é, o falo, grande segredo do cômico, sempre indecente, que veicula a circulação do desejo. Pois sem o falo, o Nome está fora de representação, pois fora de metáfora.

O ensino do último Lacan oferece uma nova definição do ateísmo: ser crédulo (*dupe*), sim, mas do real. Portanto, nem religioso nem antirreligioso. Para a minoria à qual pertença, a liberdade de escolha é aquela pela qual cada um decide ser crédulo (*dupe*) não é negociável no tempo de *Uns-sozinhos*.

Acontece que, além dessa minoria oprimida, pertença a uma maioria que está também, em certas zonas do mundo, a ponto de ser vítima de crime contra a humanidade: sou uma mulher da espécie humana. E ainda por cima, psicanalista<sup>4</sup>.

“Você não teve sorte”, me dirão vocês, ou mesmo: “Você faz isso de propósito. Por favor, senhora, isso é francamente um sintoma... isso é curável, você sabe”. Mas justamente me tratei. Creio inclusive que foi assim que contrai esse sintoma e que cheguei a considerá-lo uma sorte: escapar, um pouco, ao sentido.

Tradução: *Elisa Monteiro*

---

<sup>1</sup> Publicado originalmente como: BROUSSE, M.-H. (jan. 2015). “Une minorité opprimée”. In: *Lacan Quotidien - Pour Charlie 9*, n° 458. Disponível em: <[www.lacanquotidien.fr](http://www.lacanquotidien.fr)>.

<sup>2</sup> LACAN, J. (2005/1960 e 1974). *O triunfo da religião, precedido de, Discurso aos Católicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

<sup>3</sup> SPINOZA, B. (1988/1965). *Tratado Teológico-Político*. São Paulo: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

<sup>4</sup> LACAN, J. (2005/1960 e 1974). *O triunfo da religião, precedido de, Discurso aos Católicos*. Op. cit., p. 67.